



METAMORFOSES DA FILOSOFIA MAINSTREAM: O CURSO REGULAR DE FILOSOFIA DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

LUIZ CARLOS MONTANS BRAGA¹

RESUMO: Trata-se de analisar o datiloscrito com o Programa e as aulas taquigrafadas do *Curso Regular de Filosofia* (CRF), ministrado por Álvaro Vieira Pinto, em 1958, no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A posição a ser defendida neste breve artigo, em forma de ensaio, é a de que o documento apresenta, ao mesmo tempo, três movimentos. Primeiro, uma esquematização de ideias já presentes em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. Em segundo lugar, tais ideias se mesclam, no Programa, a uma exposição da filosofia de modo tradicional, como conjunto de temas e autores de sua história. Terceiro, o datiloscrito apresenta teses inéditas que serão abundantemente desdobradas em obras posteriores do autor, tais como *Consciência e Realidade Nacional* e *O Conceito de Tecnologia*. Tal conjunto argumentativo indica que o CRF é um retrato da transição de Vieira Pinto historiador da filosofia para propositor de um sistema filosófico original e próprio aos países subdesenvolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro Vieira Pinto; metafilosofia; filosofia do desenvolvimento; história da filosofia brasileira.

ABSTRACT: This article aims to analyse the typescript with the Program and the shorthand notes of the *Regular Philosophy Course* (RFC), taught by Álvaro Vieira Pinto in 1958 at the Higher Institute of Brazilian Studies (HIBS). The position to be defended in this brief article, in the form of an essay, is that the document presents, at the same time, three movements. First, a schematization of ideas already present in *Ideologia e desenvolvimento nacional* [*Ideology and National Development*]. Second, these ideas are mixed, in the Program, with an exposition of philosophy in a traditional way, as a set of themes and authors of its history. Third, the typescript presents inedited theses that will be abundantly developed in later works by the author, such as *Consciência e Realidade Nacional* [*Consciousness and National Reality*] and *O Conceito de Tecnologia* [*The Concept of Technology*]. This set of arguments indicates that the RFC is a portrait of Vieira Pinto's transition from historian of philosophy to proponent of an original philosophical system specific to underdeveloped countries.

KEYWORDS: Álvaro Vieira Pinto; metaphilosophy; philosophy of development; history of brazilian philosophy.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: montansbraga@hotmail.com.

1. Introdução

Ideologia e Desenvolvimento Nacional (IDN) foi, originalmente, a aula inaugural do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), proferida por Álvaro Vieira Pinto em 14 de maio de 1956 no auditório do MEC² (VIEIRA PINTO, 1960). Nesta obra estão as bases e as teses que depois seriam desdobradas em suas obras posteriores, principalmente em *Consciência e Realidade Nacional I e II* (VIEIRA PINTO, 1960a, 1960b – doravante CRN) e no póstumo *O Conceito de Tecnologia I e II* (VIEIRA PINTO, 2005, 2005a).

O termo técnica, por exemplo, que aparece poucas vezes em IDN (VIEIRA PINTO, 1960, p. 15, p. 44), terá protagonismo em CRN e, principalmente, em *O Conceito de Tecnologia*, ensaios em que a expressão e seus desdobramentos e significados ocupam várias páginas de reflexão. Igualmente, nessas obras, a expressão *técnica* é entrelaçada a conceitos políticos, tais como desenvolvimento, soberania, massa, alienação, consciência ingênua, consciência crítica, dominação e imperialismo.

O *Curso Regular de Filosofia* de Álvaro Vieira Pinto³ (VIEIRA PINTO, 1958) já faz parte do período iseibiano do autor, que se iniciou em 1955⁴. No Programa do curso, ministrado no ano de 1958 no ISEB, e que analisarei neste ensaio, aparece, como num grande mapa ou esquema, a virada de Vieira Pinto de um professor de história da filosofia para o formulador de um sistema filosófico à brasileira. Sistema filosófico e, portanto, tendente ao universal, é certo, como demanda a filosofia. Com efeito, os temas filosóficos têm a “perspectiva do infinito”. Encontram-se na filosofia as questões metafísicas – Deus, alma, liberdade –, bem como os temas do conhecimento e seus limites, da melhor ação, da ética, da política, da justiça, do direito, do belo, da ciência etc. Essas são questões filosóficas em qualquer tempo e lugar. Dizer universal não quer dizer, entretanto, abstrato, pois, para o autor, a filosofia é resultado de dada sociedade e de certa cultura. Além disso, Vieira Pinto apontara em IDN a falta da “perspectiva do infinito” ao Brasil para entender a si mesmo, utilizando expressão de Leibniz (VIEIRA PINTO, 1960, p. 13) e, ao mesmo tempo, na mesma obra, refuta a ideia de uma filosofia brasileira: “propósito cujo ridículo nos parece desnecessário salientar” (1960, p. 45). É importante ressaltar, ademais, que tal sistema filosófico vieiriano já aparecera em linhas gerais em IDN, mas não mesclado ao Vieira Pinto historiador da filosofia.

² Rede Álvaro Vieira Pinto. Disponível em: <https://alvarovieirapinto.org/ideologia-e-desenvolvimento-nacional>. Acesso: 03 ABR 2025.

³ Doravante CRF.

⁴ Álvaro Vieira Pinto ingressou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em 1955, a convite de Roland Corbisier, para chefiar o Departamento de Filosofia. O decreto de criação do ISEB foi publicado no Diário Oficial da União em 15 de julho de 1955. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-37608-14-julho-1955-336008-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 04 ABR 2025.

Possuir a perspectiva do infinito sem ser filosofia brasileira: afinal, do que se trata? A filosofia que Vieira Pinto aponta no Programa e que desenvolverá nas obras posteriores tem em vista reformulações tanto de conteúdo quanto de método. Um dos corolários é uma nova divisão da filosofia, também objeto do Programa do CRF.

2. O Curso Regular de Filosofia: retrato do engatinhar da metamorfose

O que se apresenta no Programa do CRF não foi espelhado em totalidade nas aulas do autor. Provavelmente, como costuma acontecer em disciplinas de filosofia, a realidade temporal se impôs à ambição do professor. Provavelmente Vieira Pinto não teve tempo de concluir seu programa. Ou, outra hipótese, as aulas faltantes não foram taquigrafadas. Porém, tanto o Programa quanto as aulas que foram ministradas e taquigrafadas, constituindo precisamente o datiloscrito do CRF, dão um panorama do que viria a ser objeto das reflexões posteriores do autor, tanto em CRN, obra de 1960, quanto em *O Conceito de Tecnologia*, obra concluída em 1973, revisada em 1974 e publicada postumamente, em 2005. O CRF explicita também, especialmente no Programa minucioso, temas e teses já apontadas em IDN. Assim, IDN e o CRF podem ser compreendidos como um verdadeiro laboratório de ideias do autor, as quais resultaram na volumosa produção posterior, especialmente CRN e *O Conceito de Tecnologia*, mas não sem que se mencione ao menos dois outros ensaios de fôlego decorrentes dessas reformulações: *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (1979) e *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”* (2008).

E como se apresenta, no Programa do CRF, essa mistura entre temas tradicionais da filosofia, especialmente da filosofia como história da filosofia, de um lado, e a tentativa de proposição de um novo olhar *para e a partir da* filosofia, de outro? Uma análise de partes do Programa dará uma visão dessa virada que é, para usar uma analogia, uma espécie de encontro de rios, no qual há a separação visível entre o que é uma coisa e o que é outra ao mesmo tempo em que se vê intersecções borradas entre as partes, com maior ou menor espessura.

É bom salientar, antes da análise do Programa, em que consiste o arquivo do CRF. Não se trata de um ensaio publicado, mas de notas de aula, não revistas pelo autor, taquigrafadas e atualmente arquivadas na Unicamp, nos arquivos Michel Debrun. Diz o documento:

Os originais deste programa do Curso Regular de Filosofia, ministrado pelo Prof. Álvaro Vieira Pinto em 1958, com 16 aulas previstas, e 13 transcrições das aulas iniciais, não "revista[s] pelo professor", e "para uso exclusivo dos estagiários do ISEB", conforme anotado em cada aula, foram encontrados pelo Prof. Rodrigo Marcos Jesus (UFMT) em suas atividades de pesquisa junto ao arquivo pessoal do

Prof. Michel Maurice Debrun, doados ao Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP, em Campinas, SP, Brasil (VIEIRA PINTO, 1958, p. 01)⁵.

Este ponto funciona como anteparo metodológico, pois não se trata de elaboração ensaística, mas de “mero” Programa de curso e quatorze aulas taquigrafadas. Feitas as ressalvas, passo à análise do Programa. As aulas taquigrafadas, que ocupam a maior parte do datiloscrito, não serão analisadas em minúcia. O motivo é simples: as partes mais inovadoras presentes no Programa foram desenvolvidas de modo tímido nas aulas, ao passo que a parte mais tradicional, *mainstream*, da filosofia, ganhou largo espaço nas exposições do autor.

O Programa ocupa 12 páginas do datiloscrito. As demais páginas, em total de 138 no arquivo do datiloscrito, constituem-se das aulas taquigrafadas, em número de quatorze. As grandes linhas do Programa, indicadas nos temas por numerais romanos, vão de I a XVI (VIEIRA PINTO, 1958, p. 1-12). Elas dão uma visão de conjunto do espaço que os temas deveriam ocupar no curso, o que, como indicado acima, não aconteceu. São as seguintes as linhas de força do Programa: I – *Aproximação ao problema da natureza da filosofia*; II – *A filosofia enquanto: a) conhecimento das coisas; b) fundação de valores e norma de vida; c) caminho de salvação; conhecimento, prática, revelação*; III – *Conteúdo e divisão da filosofia*; IV – *Filosofia e História da Filosofia*; V – *Filosofia e história*; VI – *História da Filosofia e realidade social*; VII – *Filosofia e sociedade*; VIII – *Filosofia, ciência e religião*; IX – *Os tipos do pensar filosófico*; X – *As origens do pensamento filosófico*; XI – *Os determinantes humanos da filosofia*; XII – *A evolução histórica da filosofia*; XIII – *Divisões da História da Filosofia*; XIV – *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido*; XV – *Filosofia e desenvolvimento* e XVI – *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento*.

Algumas dessas seções são bem pouco desdobradas em subitens. Outras, bastante desdobradas. Das partes XIII, *Divisões da História da Filosofia*, até a XVI, *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento* (VIEIRA PINTO, 1958, p. 9-12), há um desdobrar bem minucioso dos temas. Exatamente essas seções apareceram como parte bastante breve do conteúdo das aulas taquigrafadas. Porém, formam o índice do que seria propriamente a originalidade de Vieira Pinto nas obras subsequentes, já citadas, a saber, CRN e *O Conceito de Tecnologia*. E dão, por outro lado, um caráter de esquema a teses já expostas na aula inaugural do ISEB, transformada em livro, IDN, cuja primeira edição é de 1956. A seguir anoto e analiso o que há de relevante e original no Programa a partir dos desdobramentos existentes no seu interior.

⁵ O datiloscrito possui, na verdade, o Programa e a transcrição de 14 aulas, não de 13.

Tomemos o tópico I, *Aproximação ao problema da natureza da filosofia*. O tópico é seguido de uma pergunta: como chegar a saber o que é a filosofia? E apresenta em seguida duas linhas de investigação. A filosofia enquanto já produzida, o que constituiria a história da filosofia. E a filosofia enquanto esforço original, que constituiria o que o autor denomina de reflexão interpretativa atual.

Em torno dessas duas perspectivas do tópico I se estrutura o Programa do CRF. Muitas de suas linhas de força, indicadas pelos numerais romanos e acima explicitadas, dão a face do Vieira Pinto historiador da filosofia. Mesmo nas aulas taquigrafadas, a predominância da história da filosofia é clara. Porém, sempre entremeada pelos tópicos em que a linha de força da reflexão original de Vieira Pinto se apresenta. Parece que o autor estava ao mesmo tempo mostrando sua faceta erudita, de profundo conhecedor da história da filosofia, orientação que predominou nas aulas, e fissurando essa erudição com apresentações pontuais de suas teses originais. Vou tentar deixar mais claro este ponto no correr do ensaio.

Os itens II a IV do Programa têm um viés bem marcado pela filosofia como tradição filosófica (VIEIRA PINTO, 1958, p. 1-3). Neles, a filosofia se apresenta como problema a si mesma, de definição etc., e com seus temas mais tradicionais: psicologia, lógica, epistemologia, ética, metafísica, cosmologia, arrematada pelo item “outros”, em que ela aparece como estudo da arte, da religião, do direito, da sociedade, da história, da ciência.

No item V, *Filosofia e história*, se esboça uma virada na bússola filosófica do autor (VIEIRA PINTO, 1958, p. 3-4). Os subitens 1 e 2 colocam a filosofia como decorrência da cultura de um povo. E o subitem 3 se intitula sintomaticamente *Filosofia e centro histórico dominante*, um dos temas centrais das teses posteriores do autor, presentes principalmente em CRN e em *O Conceito de Tecnologia*. Nesse subitem, aparecem os seguintes temas: a filosofia como produto da consciência individual, enquanto participante de uma situação histórica de dominação. Nesse tópico, há ainda a divisão centro histórico-periferia e a filosofia como fenômeno de ressonância de ideias da metrópole para o espaço colonial. Fala igualmente da criação e absorção do produto cultural (lembrando que, para o autor, como indicado acima, a filosofia é um produto cultural).

O item VI desdobra teses presentes no item acima. Seu título é: *História da filosofia e realidade social*. O principal ponto que se subdivide nos subitens é o da filosofia como realidade social, como inserida em – e produto de – uma dada realidade social. O item VII, *Filosofia e sociedade*, delinea o pensar filosófico como “atividade social” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 4). E daí explora as várias facetas do filósofo na sociedade, desde o desajustado social até o

burocrata, professor universitário. Ao final, aponta a necessidade da “completa transformação do ensino da filosofia no Brasil” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 4-6).

Os itens IX e X novamente voltam a temas tradicionais da história da filosofia: *Os tipos do pensar filosófico* e *As origens do pensamento filosófico*, respectivamente (VIEIRA PINTO, 1958, p. 6-8). Nesses movimentos novamente o autor trabalha a partir do *mainstream* filosófico. O item XI, *Os determinantes humanos da filosofia*, se subdivide em três subitens, cada qual igualmente subdividido. Chama a atenção o subitem 3.b, que cito a seguir:

Caráter nacional de escolas e tendências filosóficas — b. Casos históricos comprovadores: a sofística ateniense; a filosofia romana; o pensamento judaico; o platonismo italiano do renascimento; o empirismo inglês; o racionalismo continental; o idealismo alemão; o pragmatismo americano; o marxismo soviético; a “filosofia do desenvolvimento” dos países atrasados. (1958, p. 8).

Aqui fica claro o salto dialético de Vieira Pinto. Ou seja, de dentro da divisão erudita da história temática da filosofia, vista pela lupa do “caráter nacional” das escolas e tendências filosóficas, ele extrai “a ‘filosofia do desenvolvimento’ dos países atrasados” (1958, p. 8). Ora, esse é precisamente um dos temas centrais de IDN, bem como, posteriormente, de CRN e de *O Conceito de Tecnologia*.

Veja-se, igualmente, que este item, inusual, é colocado ao lado de outras criações nacionais, junto com o pragmatismo americano, passando pelo marxismo soviético e o empirismo inglês ou mesmo o racionalismo continental. O que aponta para a questão da filosofia inserida na sociedade e na cultura, que por sua vez não podem ser desvinculadas das nacionalidades. Há aqui uma metafilosofia em forma de lente filosófico-socio-cultural.

O item XII do Programa traz uma questão cuja atenção será demandada por Vieira Pinto em algumas das aulas (VIEIRA PINTO, 1958, p. 8). O seu título é *A evolução histórica da filosofia*. No subitem 1, o cerne da questão é posto: a pretensão de validade eterna *versus* sua localização no tempo. Como poderá a filosofia trazer em sua imanência a pretensão à verdade como imutabilidade, de um lado, e a constituição mundana, geográfica, histórica dos sistemas? A questão é trabalhada no Programa em vários subitens, mas dentro de uma perspectiva ainda *mainstream*, passando pelas soluções aristotélica, cartesiana, hegeliana etc.

O item XIII, *Divisões da História da Filosofia*, poderia parecer mais um momento de erudição e de presença da história da filosofia no Programa (VIEIRA PINTO, 1958, p. 9). Entretanto, os quatro itens desta seção se mostram uma tentativa filosófica de problematizar as divisões ao mesmo tempo em que apresenta uma tentativa de divisão que se acopla a posições já expostas no Programa. Inicialmente Vieira Pinto indica a dificuldade, filosófica em certo sentido, de toda tentativa de divisão da história do pensamento. Com efeito, o item XIII.2 indica

a classificação convencional e, ao mesmo tempo, a rechaça. A divisão filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea é apontada pelo autor como “válida apenas do ponto de vista ocidental europeu” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 9).

O item XIII.4 vem, exatamente, com a nova proposta: “Nova tentativa de divisão da história filosófica: a divisão em metropolitana e periférica” (1958, p. 9). Essa proposta é desdobrada nos itens “a” e “b”. No “a”, o autor propõe o tema da filosofia como produto cultural dos centros dominantes: “como força de conquista, justificação de domínio, e instrumento de subordinação” (1958, p. 9). Em seguida, no item “b”, trata das possibilidades filosóficas do país colonial, subitem que ainda se divide em cinco partes.

Vê-se o inédito completo desta classificação, até onde conheço, nunca proposta antes de Vieira Pinto nos termos que ele faz. Em primeiro lugar, destaca o autor o caráter dialético da situação colonial em geral e explicita a dependência filosófica como traço particular. Em seguida, propõe a alienação filosófica como decorrência da tese da universalidade das ideias – com efeito, há uma heteronomia filosófica nos países periféricos, trazendo como problema próprio o que é problema alheio e tratando de problema alheio como se próprio fosse (VIEIRA PINTO, 1958, p. 10).

A seguir, trata do tópico das condições históricas do surgimento da reflexão autônoma, tendo nesse caso a filosofia como um assumir da perspectiva original, ruptura do complexo colonial como condição para ver o mundo e o homem de um ponto de vista independente (VIEIRA PINTO, 1958, p. 10). Por fim, nos subitens iv e v, o autor propõe tratar da filosofia “como causa e como expressão da emergência da personalidade histórica coletiva”, analisando a situação dos países latino-americanos e, em seguida, o caso brasileiro (1958, p. 10). Ora, nada mais inédito como tema da filosofia, mas eis em germe as teses presentes em CRN e em *O Conceito de Tecnologia*. O tema não aparece, entretanto, desenvolvido nas aulas do CRF, mas em forma de esboço nas primeiras aulas.

O item XIV do Programa dá o salto que, infelizmente, não tem o seu desenvolvimento pleno nas aulas ministradas (VIEIRA PINTO, 1958, p. 10-11). De fato, o tema é *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido* e se subdivide em vários subitens que desdobram a questão. Verifica-se uma perspectiva existencialista nos itens. Não se pode esquecer que Vieira Pinto era estudioso do existencialismo como movimento, mas de modo crítico. Veja-se por exemplo sua *Nota Introdutória* ao livro de Karl Jaspers, *Razão e anti-razão em nosso tempo*, por ele traduzido para compor a coleção *Textos de Filosofia Contemporânea*,

editada e publicada pelo ISEB (VIEIRA PINTO, 1958a, p. 21)⁶. Porém, trata-se de uma perspectiva existencialista recheada de inovações, como, por exemplo, o tema da filosofia do desenvolvimento. Este tema será tratado na seção seguinte do Programa, de número XV, intitulada exatamente *Filosofia e desenvolvimento* (VIEIRA PINTO, 1958, p. 11).

O que apresenta, pois, Vieira Pinto, como desdobramento do tópico XIV, *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido*? O item 1 apresenta os temas do mundo e do ser-do-homem. Temas existencialistas. Mas o autor os propõe não como abstrações, mas sob “a perspectiva de posição histórica” (1958, p. 10). O item 1 se divide em três subtópicos. No “a”, o autor propõe que se veja o mundo do ponto de vista do centro dominante e da periferia. Isso leva à “aspiração à transformação do mundo” (1958, p. 10). Em seguida, no item “b”, trata do homem como sujeito e objeto e então indica como tema a consciência daquele que é objeto. Ora, o tema da consciência será desdobrado abundantemente em CRN I, ao tratar da consciência ingênua, e em CRN II, dedicado a esmiuçar as características da consciência crítica (VIEIRA PINTO, 1960a e 1960b). Por fim, o item “c” tratará das espécies de liberdade que cabem ao dominado e ao dominante: liberdade de dominar *versus* liberdade de libertar-se. Essa dualidade é posta como parte constitutiva inicial do tópico “c”, “Intuição de destino para o dominante e para o dominado” (1958, p. 10).

O item XIV.2 continua no desdobrar do papel do filósofo do país subdesenvolvido e propõe como tema “A contribuição da filosofia à formação de um projeto de existência para os países subdesenvolvidos” (1958, p. 10). Já não se estudará o real como questão epistemológica, mas o “real concreto”, real no qual se deve incluir a dimensão nacional e a possibilidade de se conceber uma teoria filosófica do processo nacional. No mesmo item 2, propõe tratar, ainda, do conceito de desenvolvimento, que abrange a consciência do desenvolvimento nacional e a necessidade da conversão dessa consciência em ideologia. Importa aqui frisar que Vieira Pinto usa o termo ideologia no sentido de conjunto de ideias, não no sentido marxiano, de falseamento do real. Eventualmente Vieira Pinto usará, em CRN e em *O Conceito de Tecnologia*, o termo tanto no sentido aqui dado quanto no sentido marxiano.

No item “e” de XIV.2, a filosofia será posta como totalmente alijada de abstrações. De fato, será compreendida como “consciência da situação histórica” (1958, p. 10). E o que vem a ser tal compreensão? Ainda nos subtópico deste item do Programa, Vieira Pinto analisa o termo. Ele significa três coisas. Primeiro, o subdesenvolvimento nacional é uma condição existencial, pois é uma “modalidade do ‘ser’ do mundo” (p. 10). Tal “ser do mundo” teria duplo sentido, a

⁶ Para a influência do existencialismo em Vieira Pinto, ver também: CÔRTEZ, 2003.

saber, como essência do mundo e como pertencer a um mundo. E a consciência pertencente a um mundo pobre teria sua própria intencionalidade. Aqui se vê a influência husserliana, em específico, e a existencialista, em chave mais geral, no uso do termo *intencionalidade* para se referir à consciência. No penúltimo subitem da seção XIV, o autor fala das reações da consciência periférica, em misto de sentimentos e pensamentos: ressentimento, humilhação, rancor, inveja, de um lado, e admiração e vontade de autoafirmação, de outro (1958, p. 11). Tudo isso para, por fim, concluir indicando a dupla tarefa do filósofo do país subdesenvolvido: tarefa crítica e tarefa construtiva. Aquela significa “denunciar a falácia do pensar abstrato, o dualismo da posição histórica, o caráter privilegiado da produção metropolitana e praticar a redução sociológica das ideias do centro dominante” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 11). Por sua vez, a tarefa construtiva, o viés ético-político da proposta, se afirma da seguinte maneira: “produzir a ideologia do desenvolvimento [...]; construir uma visão universal da realidade; trazer a contribuição da filosofia à luta pela formação da consciência nacional mediante a emancipação econômica, a ascensão cultural das massas e a conquista de um destino histórico autônomo.” (1958, p. 11).

Assim, a tarefa crítica é uma tarefa que insere a filosofia no campo da sociedade e da cultura. De fato, denunciar a filosofia como abstração, como desvinculada da causa, a qual é a cultura em dada sociedade. Também, a existência da dual posição metrópole-periferia, na qual a produção da metrópole tem ares de superioridade e fica como a única a ser reproduzida no país subdesenvolvido, como se sua filosofia fosse, e não a do centro metropolitano. Caberia ao filósofo da periferia o papel de tabelião de ideias, como analisa o autor, com fina ironia, em *O Conceito de Tecnologia*. Afirma Vieira Pinto:

Tal como têm sido redigidos até hoje os poucos, confusos e irrelevantes ensaios designados no país atrasado pelo nome de “filosofia”, são uma modalidade de alienação cultural em forma praticamente pura. O filósofo, não tendo nada de próprio a pensar, satisfaz-se em respirar os zéfiros divinos provenientes das regiões ocidentais cultas, [...]. Algumas consequências bizarras [...] derivam desta situação. No país subdesenvolvido, o filósofo, como só registra o que foi pensado e dito nos centros metropolitanos, pode ser chamado de tabelião de ideias. A cultura, em conjunto, constitui o cartório dos conhecimentos alheios. Obrigado a colecionar e registrar os produtos do pensamento de origem externa, o filósofo na verdade nunca chega a ser escritor; não passa de escrevente. [...] Apenas lavra uma escritura do que os outros, os sábios estrangeiros, declaram perante ele. No país subdesenvolvido é impossível o surgimento de verdadeiros livros de filosofia. A verdade não consiste na descoberta de algum novo aspecto de ser, mas na fidedignidade das cópias e traslados dos documentos recebidos. A cultura é o conjunto dos registros dos bens intelectuais fielmente reproduzidos, fabricados por pensadores de fora e apenas adquiridos por nativos com especial inclinação e suficiente tempo vago para se dedicarem a este gênero de dissipação espiritual. (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 45-46)⁷

⁷ Sobre o tema, ver também: MONTANS BRAGA, 2024, p. 99-119.

Por sua vez, praticar a redução sociológica remete ao conceito de outro isebiano, Guerreiro Ramos, significando a descolonização crítica do pensamento sociológico da metrópole. Ou seja, **reduzir** (no sentido fenomenológico do termo, inspirado por Husserl) os conceitos, categorias e teorias importadas de outros contextos sociais e históricos à sua **dimensão concreta**, ou seja, ao contexto **brasileiro e latino-americano (RAMOS, 1996). A tarefa construtiva é um corolário da tarefa crítica e mostra os objetivos práticos decorrentes do trabalho da tarefa crítica. Nessa seara está a “ideologia do desenvolvimento” produzindo a consciência nacional por meio da** emancipação econômica, da ascensão cultural das massas e da conquista de um destino histórico autônomo.

Os itens finais do Programa, XV e XVI, decorrem do anterior. Com efeito, intitulam-se *Filosofia e desenvolvimento* e *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento*, respectivamente. Analiso-os a seguir.

O item XV, *Filosofia e desenvolvimento*, se conecta a ao menos três outros do Programa. Imediatamente, ao XIV, *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido*. As razões estão desdobradas acima, na análise do tópico XIV. Porém, há ainda dois outros momentos em que a ligação entre filosofia e desenvolvimento se apresenta. No item XI, *Os determinantes humanos da filosofia*, Vieira Pinto apontara para o caráter nacional das escolas e tendências filosóficas. E, no item XI.3.b, cita casos históricos comprobatórios da tese, como o marxismo soviético, o pragmatismo americano, a sofística ateniense, a filosofia romana, o pensamento judaico, o empirismo inglês, o idealismo alemão, o racionalismo continental. Entre esses, introduz exatamente a “filosofia do desenvolvimento dos países atrasados” (1958, p. 8). O outro momento em que se liga o item XV do Programa vem a seguir, quando, ao tratar das *Divisões da História da Filosofia* (item XIII), propõe em XIII.4 “Nova tentativa na divisão da história filosófica: a divisão em metropolitana e periférica” (1958, p. 9). Como se expande, pois, no Programa, a relação filosofia-desenvolvimento?

Como condição dos demais desdobramentos, o autor entende o desenvolvimento nacional como processo de caráter existencial, ou seja, projeto de uma comunidade (1958, p. 11). Mas não apenas. Nos sete subitens do item XV, está em esquema o que derivaria nas obras vindouras, já citadas. Há, em primeiro lugar, o papel do indivíduo no projeto existencial comunitário, nacional. A condição para esta participação deriva de uma das teses do existencialismo vieiriano, a saber, que o indivíduo tenha consciência da realidade. Quais as modalidades dessa consciência e qual se presta ao projeto? É o que se apresenta nos tópicos “a” e “b” do subitem 4. A consciência ingênua e a consciência crítica. Para aquela, propõe uma

fenomenologia dos comportamentos desta modalidade de consciência. Certamente o autor trataria em aula daquilo que esmiuçou em CRN I (1960a, p. 159-391). Por exemplo, o caráter sensitivo, o caráter impressionista, a absolutização de sua posição, a incoerência lógica, a irascibilidade, a incapacidade de dialogar, o pedantismo, o moralismo, o apelo à violência, o desprezo pela massa, o culto ao herói salvador, a crença na imutabilidade dos padrões de valor, o desprezo pela liberdade, a ignorância do potencial político na atuação internacional, o pessimismo, o ufanismo, o saudosismo etc. Para a consciência crítica, indica o caráter racional e a eficácia de sua ação na aceleração do processo de desenvolvimento nacional. Propõe como problema neste mesmo tópico uma teoria da razão na história (1958, p. 11). A consciência crítica, cuja fenomenologia Vieira Pinto desenvolve em CRN II (VIEIRA PINTO, 1960b, p. 13-413), teria o papel de ser o fundamento da constituição de uma ideologia do desenvolvimento nacional. No mesmo tópico, aparece o tema do “pensador em situação de autenticidade” (1958, p. 11). As massas aparecem a seguir, com a conversão dessa ideologia em consciência nacional do desenvolvimento, a ideologia como “estado de espírito das massas”, seguida de uma “Marcha da difusão ideológica” (1958, p. 11). Por fim, o demiurgo da política nacional de desenvolvimento, esta constituída pelo caráter derivado do trabalho da consciência crítica, seria o político. Mas não qualquer político, e sim o que for “expressão da consciência das massas” (1958, p. 11).

O último item do Programa, de número XVI, se intitula *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento*. Em IDN, o autor já desenvolvera algumas ideias acerca do tema. Afirma, por exemplo, que

Certamente a reforma a fazer terá de ser profunda. Consistirá [...] em substituir os quadros educacionais inspirados por um humanismo hoje sem sentido, por outros que [...] não serão anti-humanistas, e muito menos anti-humanos, mas simplesmente representativos de nova concepção do humanismo. Deverá ser abandonada a preocupação de formar doutores e exegetas de coisas mortas, para que se constitua o humanismo do nosso tempo, que prezará fundamentalmente o conhecimento das ciências da cultura e da natureza, a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro. Apresenta-se, assim, a educação como aspecto capital da teoria do desenvolvimento. (VIEIRA PINTO, 1960, p. 44)

Esta citação vai ao encontro do item XVI.2, que busca uma definição de humanismo “do ponto de vista do país subdesenvolvido” (1958, p. 11). Ademais, a expressão assim compreendida terá como corolário um humanismo próprio à teoria do desenvolvimento, que terá o “homem como objetivo supremo do empenho de transformação da realidade” (1958, p. 12). Essa tese implica três pontos que estão presentes no final do Programa, a saber, “a subordinação das condições de fato aos interesses humanos”; a “defesa dos valores humanos

na teoria do desenvolvimento” e o objetivo de evitar a “interpretação errônea”, ou seja, aquela em que o desenvolvimento é finalidade em si mesmo, com o “risco de supressão de liberdade” (1958, p. 12).

3. Notas finais

O datiloscrito do CRF pode ser compreendido como uma fotografia de um dos aspectos do laboratório de ideias que foi o ISEB. No caso, o aspecto filosófico. O papel da filosofia nessa instituição foi decisivo. Com efeito, teve como protagonistas dois grandes filósofos brasileiros. Um, Roland Corbisier, autor de importantes ensaios filosóficos e sobre o Brasil, bem como de uma excelente *Introdução à Filosofia*, em vários tomos, infelizmente esgotada no mercado editorial. O outro, Álvaro Vieira Pinto, pensador brasileiro responsável pela confecção de um sistema filosófico extremamente sofisticado, como atesta sua produção posterior ao CRF, parte publicada anos antes do golpe de 1964, ainda no período iseбно, parte confeccionada no exílio no Chile, parte desenvolvida quando do retorno ao país na condição de “exilado” em sua própria pátria. Isso porque Vieira Pinto não podia nem publicar, nem ministrar aulas, nem proferir palestras. Essa a condição de seu retorno em 1968, acordada com os militares. São frutos da produção no “exílio pátrio” os dois volumes de *O Conceito de Tecnologia* (2005a, 2005b), bem como *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos* (2008), ambos publicados postumamente. O CRF é um esquema, uma fotografia do engatinhar das teses de Vieira Pinto, tanto de algumas já esboçadas em IDN, antes do CRF, quanto daquelas abundantemente presentes e expandidas nas obras posteriores.

Qual seria, assim, a importância e a peculiaridade do CRF? A peculiaridade consiste em poder ver um aspecto, o filosófico, do laboratório de ideias originais que foi o ISEB. A importância consiste em mostrar um Vieira Pinto que dominava com precisão a história da filosofia, o que fica claríssimo especialmente nas aulas taquigrafadas, e que não a desprezava, o que é digno de nota. Não foi necessário a Vieira Pinto matar os clássicos para se tornar um clássico. Em vez disso, fez um uso oswaldiano, antropofágico, do repertório filosófico que dominava para exatamente fissurar a bolha da filosofia “bem-comportada” com propostas inusuais, como a da construção de uma filosofia do desenvolvimento, de um novo humanismo, de uma nova divisão da filosofia entre periférica e metropolitana, entre outras inovações que o CRF traz.

Vieira Pinto fez uso do arsenal filosófico *mainstream* para dele extrair um sistema filosófico altamente sofisticado e adequado aos países subdesenvolvidos. Resta aos nossos

historiadores da filosofia fazer bom uso da obra de Vieira Pinto, o que significa, em primeiro lugar, compreendê-la a fundo. E, em segundo lugar, pensar a partir dela. Os frutos certamente serão abundantes e inovadores. Nada mais instigante. Nada mais filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald. *Obras Completas* (Vol. VI). Rio de Janeiro: ed. Globo, 1970, pp. 11-19. [1970].

CÔRTEZ, Norma. *Esperança e Democracia: As ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: ed. UFMG e IUPERJ, 2003.

GALIMATIAS. In: *Dicionário Online Caldas Aulete*, 2025. Disponível em <https://aulete.com.br/galimatias>. Acesso em: 07 ABR 2025 [2025].

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Filosofia, Alienação, Dominação: Álvaro Vieira Pinto e o Conceito de Tecnologia. In: CARVALHO, H. B. A e ABRAHÃO, L. H. de L. *Perspectivas da Filosofia da Tecnologia no Brasil*. Teresina: EDUFPI, 2024.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: ed. da UFRJ, 1996.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Entrevista [Documentário Civilização & Cultura]. In: *Revista de Cultura Vozes*, n. 6, ano 64, vol. 64, 1970, pp. 05-20 [1970].

VIEIRA PINTO, Álvaro *Curso Regular de Filosofia – Programa e Transcrição de Aulas Taquigrafadas* (não revistas pelo autor). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Cópia Fac Símile de exemplar mimeografado do acervo do Prof. Michel Debrun (Acervo do CLEHC, UNICAMP). Disponível em: file:///C:/Users/Luiz%20Carlos/Downloads/Alvaro_Vieira_Pinto_Curso_Regular_de_Fil-1.pdf. Acesso em: 26 MAR 2025 [1958].

VIEIRA PINTO, Álvaro. Nota Introdutória. In: JASPERS, Karl. *Razão e anti-razão em nosso tempo*. Tradução de Álvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro: edição do Ministério da Educação e Cultura / Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional (Vol. I – A consciência ingênua)* Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional (Vol. II – A consciência crítica)* Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960b.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *O Conceito de Tecnologia (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *O Conceito de Tecnologia (Vol. II)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”*. José Ernesto de Fáveri (org.). Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.